

CONVERSANDO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE DROGAS A PARTIR DO SAMBA: UMA AÇÃO EDUCATIVO-REFLEXIVA EM DUQUE DE CAXIAS, RJ

TALKING TO HIGH SCHOOL STUDENTS ABOUT DRUGS FROM SAMBA: AN EDUCATIONAL-REFLECTIVE ACTION IN DUQUE DE CAXIAS, RJ


Vinicius Motta da Costa 1
Francisco José Figueiredo Coelho 2
Marcelo Diniz Monteiro de Barros 3

Resumo: Por anos o debate do tema drogas nas escolas apresenta bases proibicionistas que pouco consideram a diversidade cultural e a dimensão biopsicossocial das relações humanas. Nesse contexto, considerando as práticas de uso, abuso e dependência de drogas como fenômenos sociais que atingem classes e grupos étnicos diversos foi realizada uma pesquisa de mestrado em que foram coletadas as impressões de discentes sobre a presença de substâncias lícitas e ilícitas em seus universos cotidianos. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede estadual de Duque de Caxias, RJ, no âmbito da ação extensionista Drogas, Educação, Saúde e EJA (DESEJA). Nesse contexto a análise de diálogos reflexivos sobre uso de drogas a partir de um samba de Bezerra da Silva aprofundada por questões norteadoras revelou as construções sociais acerca das drogas. A interlocução com tais ferramentas ofereceu um cenário de análise sobre a potencialidade dos sambas e letras de música como recurso pedagógico estimulador para debates sociais com jovens do Ensino Médio, sobretudo acerca dos estigmas, práticas de uso e abuso de psicoativos.

Palavras-chave: Drogas. Ciência e Arte. Samba. Educação Básica. Projeto DESEJA.

Abstract: For years, the debate on drugs in schools has been based on prohibitionists that take little account of cultural diversity and the biopsychosocial dimension of human relationships. In this context, considering the practices of drug use, abuse and dependence as social phenomena that affect different classes and ethnic groups, a master's research was carried out in which students' impressions about the presence of licit and illicit substances in their daily universes were collected. The research was developed in a public school in Duque de Caxias, RJ, within the scope of the extension action Drogas, Educação, Saúde and EJA (DESEJA). In this context, the analysis of reflective dialogues about drug use from a samba by Bezerra da Silva, deepened by guiding questions, revealed the social constructions about drugs. Interlocution with such tools offered a scenario of analysis on the potential of sambas and music lyrics as a stimulating pedagogical resource for social debates with high school youth, especially about stigmas, practices of use and abuse of psychoactives.

Keywords: Drugs. Scienc and Art. Samba. Basic Education. Project DESEJA.

-
- 1 Mestre em Ensino em Biociências e Saúde pelo PPGEBS-IOC-FIOCRUZ. Professor de Sociologia da SEEDUC/RJ e Pesquisador colaborador do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED/UERJ). Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/7258554048951410>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5707-1374>. E-mail: vinimctr@gmail.com
 - 2 Doutor em Ensino em Biociências e Saúde pelo PPGEBS-IOC-FIOCRUZ. Docente e Orientador do PPGEBS-IOC-FIOCRUZ e Pesquisador do GPED/UERJ. Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7119765838113303>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1522-2995>. E-mail: educacaosobredrogas@gmail.com
 - 3 Doutor em Ensino em Biociências e Saúde pelo PGEBS/IOC/FIOCRUZ. Docente e Orientador do PPGEBS/IOC/FIOCRUZ e bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEMG. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3426609037202095>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4420-5406>. E-mail: marcelodiniz@pucminas.br
- 

Introdução

O uso episódico de drogas é um fenômeno social milenar, bem como as práticas abusivas de consumo de substâncias. As drogas estão presentes no café da manhã matinal, em nossas práticas cosméticas ou curativas, nos encontros entre amigos e em diversas situações cotidianas. É possível notar que, em pleno século XXI, os debates sociais e pedagógicos sobre temas polêmicos como as drogas ainda estão centralizados no tabu e no preconceito (SODELLI, 2010; ALVES et al., 2017; CARNEIRO, 2019; COELHO, 2019).

Seja considerando cenários de uso ou abuso, elas ocorrem dentro de relações cotidianas. Tais relações se configuram em contextos de sociabilidade marcados por práticas recreativas de usos esporádicos – situacionais ou com mais frequência, o que não necessariamente se traduz enquanto prática problemática ou dependência química. Este aporte deve ser considerado sobretudo para que – pedagogicamente – olhares mais pautados e orientados por uma vertente interdisciplinar possam comungar com outras disciplinas e saberes nos espaços formativos. Isso foi constatado e oferecido nos trabalhos de Sodelli (2010) e Coelho (2019) ao discutir as diferentes impressões acerca da prevenção primária do primeiro e de uso e abuso entre professores para o segundo. Dito em outras palavras, o uso de maconha e diferentes outros produtos com estímulo à psicoatividade humana pode ser evidenciada historicamente há milênios, instaurada em relações gregárias ou de forma isolada. A título de exemplo, consumir álcool entre pessoas que se gostam ou que de alguma maneira celebram é um dos eventos corriqueiros em diversas sociedades. Assim, não é adequado aferir que todas as pessoas que façam uso da substância tenham problemas emocionais, cometam crimes de trânsito ou pratiquem violência.

Acerca do exposto, cabe sinalizar que diferentes grupos, etnias, sociedades e colegiados se apropriam de algum produto psicoativo em algum momento da vida. Independente da idade, é possível perceber que a relação com o conceito de drogas que cada um estabelece envolve diferentes experiências cotidianas e, inclusive, pode ser marcada por mitos e informações preconceituosas. Destas ideias e posturas nascem os estigmas e o bem-estar social entre as partes é impactado. O apanhado que aqui colocamos é bem pontuado pelo trabalho de Carneiro (2019), exposto no excerto a seguir:

O conceito de droga aparece na história cultural contemporânea, concomitantemente, como um fantasma do mal e como um emblema da saúde. Como fantasmagoria encarna bodes expiatórios, obsessões patologizantes e medos irracionais. Mas é também o veículo da salvação e da cura, como pílula mágica e panaceia para todos os males (CARNEIRO, 2019, p.10).

As duas percepções sobre a droga trazidas por Carneiro (2019) mostram o impacto das substâncias sobre o imaginário social, que seriam o medo que o uso não permita que a pessoa possua discernimento sobre as suas ações e a cura proporcionada pela utilização terapêutica de plantas.

Tal ótica histórica trazida por Carneiro (2019), também é reconhecida por Coelho (2019), ao comungarem que as substâncias lícitas e ilícitas – nem mais uma, nem mais outra - revelam as disputas entre grupos sociais sobre o que deve ser feito ou criticado. Um exemplo tangível desta realidade social foi a Lei Seca nos Estados Unidos da América (EUA). Nessa lógica, a proibição como caminho educativo higienista e moralista equivocadamente compreendeu que o “não uso” (aspas nossos) do álcool seria o caminho mais adequado para que as pessoas se livrassem do álcool, como se ele fosse o problema. O entrave social, que não era o álcool, residiana pedagogia do medo que alienou e alastrou o mercado clandestino. Isto posto, a história das drogas revela mais a construção de permissões e proibições do que propriamente os efeitos orgânicos produzidos por substâncias (CARNEIRO, 2019; COELHO, 2019).

Para Alves e colaboradores, comungando desta perspectiva, o temário consumo de drogas se coloca como um dos temas que impactam nas relações sociais, fazendo a sua abordagem promover a vocação dialógica da escola. Assim, considerando as relações entre as pessoas, é possível refletir

sobre estratégias que promovem a reflexão sobre assuntos polêmicos como as drogas e sua articulação com as diferenças sociais (ALVES *et al.*, 2017).

Coelho (2019) entende que o caminho do diálogo e da troca de saberes cotidianos é menos impositivo e mais democrático a fim de motivar, sensibilizar e construir espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas. Seja no trabalho de Alves *et al.* (2017), como em Coelho (2019), é possível perceber convergências acerca de que os canais mais informais – ainda que nos espaços formais de ensino – estimulam que os jovens se sintam confortáveis para conversar ao invés de se sentirem reprimidos.

Para Alves e colaboradores (2017), a escola atua como ambiente em que a realidade é construída e repensada. Neste sentido, pela influência de um ambiente social de desigualdade:

(...) aprender não se reduz ao conteúdo e aos componentes do currículo, mas também à gama de apreensões que o espaço e a convivência escolar possibilitam. E, neste espaço de trocas, saberes e tessituras, podemos atestar que a/o aprendiz aprende, no conviver, quando articula um projeto de vida com as/os outras/os. Aprender é mais que um movimento cognitivo, racional, é um ato de autoria, de criação, de tessitura, de ciência com consciência, de afeto, de coragem, de ternura, é possibilitar a existência do outro, é permitir que o outro seja partícipe (ALVES *et al.*, 2017, p 186).

A ciência, no contexto sinalizado acima, é entendida como instrumento de promoção de sujeitos críticos, ou seja, que se constituem seres autônomos na relação com o outro. Assim, a escola é percebida como espaço em que as pessoas buscam uma prática de vida voltada para a democracia, para a valorização dos potenciais das pessoas, percepção que também encontramos no trabalho de Coelho (2019).

Acerca da construção de cenários mais democráticos de aprendizagem sobre drogas, especificamente nas escolas, cabe trazer os diagnósticos de Coelho (2019) e Costa e colaboradores (2019) que observaram que parcela das abordagens sobre drogas ainda está enraizada nos pensamentos de abstinência e pedagogia da violência, colocando o problema nas drogas e menos das relações sociais. Num caminho alienante e sequestrador da liberdade de expressão, o proibicionismo fere e enclausura ao desprezar a validade de outros entendimentos sociais e generaliza as práticas de uso como caminhos para o abatedouro emocional e físico. Quer dizer, a perspectiva educativa proibicionista se preocupa mais em fomentar práticas para o não uso, como se esta abordagem fosse a garantia contra as ações abusivas no consumo de drogas.

Sobre o proibicionismo, este ganhou maior espaço no início do século XX com leis que restringiam a circulação (plantação, venda e uso) da maconha nas sociedades. Tais ações resultaram, no contexto escolar, em silenciamentos e abordagens pautadas nos malefícios do uso para a retirada da droga da sociedade. E, conforme pautado nos referenciais acima, não se revela como caminho mais dialógico, participativo e democrático para o estímulo à liberdade de pensamentos, ideais e respeito à pluralidade de culturas regionais e locais.

Exatamente nesse caminho que parte da literatura (COELHO, 2019; COSTA *et al.*, 2019; COELHO; SILVA; MONTEIRO, 2020) tem defendido a Redução de Danos (RD) enquanto caminho tangível para sensibilizar, educar e não oprimir. A RD não se ocupa em oferecer receitas prontas de como “se livrar” das drogas, mas sim estimula o pensamento crítico e o debate para que a informação estimule o pensamento crítico e o debate partindo das experiências das pessoas envolvidas nos contextos de uso e/ou abuso. A informação em si não é a resposta, mas uma aliada para se pensar uma relação com a droga de forma menos violenta e impositiva, típicos da abordagem proibicionista. Especialmente no Brasil, essa perspectiva pedagógica tem se alastrado nos últimos anos, partindo do engajamento de grupos de ensino, pesquisa e extensão de Universidades e Centros de Pesquisa e colegiados e associações, como a ABRAMD Educação (Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas).

Enquanto prática educativa é possível capturar nos achados dos autores aqui apresentados uma premissa: a RD entende que o consumo de drogas é um fenômeno histórico e multifatorial. Isso sugere que variados fatores impactam nos comportamentos dos usuários, não sendo viável,

portanto, a apologia ao não uso como único caminho pedagógico de “salvação” para que o estudante não use drogas. Nessas condições, reconhecemos que retardar o uso de uma substância é um caminho viável, mas que a pedagogia do adestramento não tem se revelado como premissa que oportunize e favoreça a construção de uma juventude pautada no pensamento crítico e autônomo em relação ao uso de drogas ou quaisquer relações que podem culminar em práticas abusivas. -

Assim, acompanhando a lógica do exposto anteriormente, a percepção do consumo abusivo de drogas como tema escolar também envolve a abertura de espaços de diálogo em que os fatores emocionais e psicológicos sejam valorizados. Desta forma, os alunos podem estabelecer relações harmoniosas em que, acreditamos, as diferentes percepções de mundo sejam consideradas, tornando possível uma qualidade de vida pautada no senso crítico e na tolerância sobre os variados usos de droga (COSTA *et al*, 2019).

As percepções sobre o consumo de substâncias evidenciadas por Costa e colaboradores (2019) trazem a importância de considerar múltiplos contextos na análise sobre o uso de drogas. Isto é, o consumo de substâncias está articulado com as relações sociais construídas coletivamente. Estas, quando pautadas no respeito às pessoas e suas diferenças práticas, permitem que os preconceitos não se sobreponham ao respeito às subjetividades por vezes desprezadas na interpretação do uso de substâncias legais e ilegais.

Corroborando as percepções apresentadas acima, Coelho, Silva e Monteiro (2020) compreendem que a RD de enfoque educativo tem o potencial de favorecer posturas racionais de consumo e de debater vulnerabilidades sociais. Em outras palavras, a abordagem traz para a reflexão coletiva no espaço escolar a análise sobre a influência política sobre a legalidade ou ilegalidade de venda e uso. Tal aspecto não é considerado pela visão drogacêntrica do fenômeno, que caracteriza na causa e no efeito a percepção sobre as drogas.

O que a Redução de Danos também pode auxiliar é no entendimento é na compreensão da psicoatividade para além das substâncias. Assim, pode-se entender pelo diálogo outros comportamentos que podem produzir danos sem a devida reflexão dos seus efeitos. Neste sentido, trazer para o debate o uso abusivo de aparelhos eletrônicos pode auxiliar em estratégias para não prejudicar as relações sociais e o exercício de subjetividades (COELHO; SILVA; MONTEIRO, 2020).

Acerca do que falamos sobre a RD e sobre a importância das práticas dialógicas para a construção de espaços de diálogo e aprendizagem, propostas por Coelho (2019), convém sinalizar a multiplicidade de ferramentas pedagógicas a fim de auxiliar na construção de cenários mais acolhedores e lúdicos. Atualmente com a disseminação da internet e das diferentes mídias digitais, se torna mais acessível para o professor que ele adote ferramentas de fácil uso, obtidas pela internet. Um bom exemplo disso, articulando canais que estimulem o uso da arte nos debates científicos é o uso das ferramentas musicais como disparadoras dos debates sobre drogas.

Barros (2014) foi um dos precursores que defendeu a música como uma ferramenta educativa que valorizava a experiência cultural, científica e lúdica na escola. Segundo o autor, como forma de promover uma escola democrática via alunos engajados, a música se mostra um recurso com potencial para ressignificar o espaço escolar como ambiente de ludicidade e pensamento científico. Sobre o envolvimento pela música, Barros (2014) salienta que o aspecto lúdico presente em canções populares permite que os alunos fiquem interessados por assuntos científicos.

Para Barros (2014), a escuta e leitura dos versos da música são utilizados para favorecer o entendimento do contexto social que as pessoas vivem. Quer dizer, a música é utilizada como recurso educativo para abordar com saberes científicos a relação do ser humano com distintos temas que permeiam a vida estudantil, incluindo as práticas esporádicas e abusivas com as drogas.

No caminho da música como recurso educativo, Coelho (2019) buscou evidenciar como reflexões sociais mais amplas emergem destes cenários, desconstruindo a ideia de que o debate sobre drogas deva partir especificamente das ciências naturais. Assim, Coelho (2019) argumenta a favor do uso da música no debate sobre drogas sem o receio de ser apolítico ou indutor de práticas de uso. A partir da Música de Gabriel o Pensador, o autor observou que parcela dos professores que participaram de uma formação sobre Drogas via EaD possuíam experiências com a música enquanto recurso educativo. Contudo, parte dos docentes adotava a música como caminho lúdico e pouco se apropriava dela como material para discutir questões sociais mais amplas. Em outras palavras, o estudo revelou que a música se converte em uma ferramenta que pode sensibilizar os professores

para pensarem com seus estudantes aspectos sociais envolvidos com o uso da maconha e outras drogas, caminhando além das perspectivas drogacêntricas.

Lemos e colaboradores (2019) também publicaram um trabalho resultante de um relato de experiência com alunos da escola básica. A partir da música Remédios foi possível perceber que as drogas estão presentes na vida das pessoas de maneiras diversas. No caso específico dos medicamentos, estes podem ser apropriados em práticas abusivas para o controle de emoções ou para a busca de um padrão de beleza pautado no corpo magro.

Ainda sobre os medicamentos, o trabalho de Lemos *et al.* (2019) parte de atividades reflexivas em que os alunos relataram uso de ansiolíticos prescritos para os pais. Tal postura revela que a prática da automedicação, assim como a utilização de outras substâncias lícitas, não problematiza os efeitos danosos que o uso irrefletido pode causar no indivíduo. Tarefas em que a bula é apropriada para uma leitura crítica do seu conteúdo em associação com recurso musical mostram que os alunos precisam ser envolvidos para que outras ações redutora de danos sejam viáveis nos espaços de interação social.

Especificamente nos trabalhos de Coelho (2019) e Lemos e colaboradores (2019) é possível perceber como a combinação da arte e da ciência tende a favorecer uma leitura crítica da realidade oferecendo novos cenários de aprendizagem sobre drogas. A partir disso, os alunos podem agir de forma autônoma para a compreensão de sensações proporcionadas pelo exercício da sexualidade e do uso de drogas. No caso das substâncias, uma percepção crítica a partir das letras pode revelar as estratégias de proibição ou valorização de acordo com interesses econômicos e políticos dos grupos mais influentes nas sociedades. Tal fato revela que os aspectos biológicos e químicos não são primordiais para fundamentar o lugar de demonização da maconha e de endeusamento do álcool.

Os aspectos levantados em relação ao papel social da escola para o debate de temas de interesse coletivo como o consumo de drogas se articulam com o projeto de extensão Drogas, Educação e Saúde & EJA (DESEJA). Tal ação educativo-reflexiva foi convertida em uma pesquisa de mestrado no Instituto Oswaldo Cruz para analisar o potencial educativo do uso de sambas gravados por Bezerra da Silva com alunos de uma escola estadual na cidade de Duque de Caxias, RJ.

Para uso no presente artigo, alguns dados gerados nas atividades com alunos do Ensino Médio foram reunidos para a confecção deste trabalho, a fim de analisarmos como os laços sociais podem ser construídos ou desfeitos a partir da concepção sobre o uso de droga presente em determinado contexto social. Somado a isto, as percepções de que comportamentos podem ser valorizados ou desprezados se estiverem relacionados com uma dimensão da droga - positivamente, quando o uso é feito em grupos específicos e atende a interesses de interação, de prazer e negativamente quando fortalece a noção do consumo como via de prejuízo pessoal.

Metodologia

A pesquisa de mestrado mencionada no item anterior é um estudo de caso e foi realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde. A autorização para as etapas do estudo foi concedida pelo Comitê de Ética do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) sob o número **24722819.3.0000.5248**.

Para uma das etapas práticas do estudo, que envolveu a participação de jovens discentes em atividades educativas sobre drogas e a coleta de dados oriundas das tarefas, foi selecionada uma turma de 1ª série do Ensino Médio (EM) com 36 alunos matriculados em uma escola estadual localizada em Duque de Caxias, RJ.

Os alunos da turma selecionada responderam a 2 conjuntos de questões estruturadas para captar as percepções acerca das noções sobre drogas e seus usos, totalizando 5 perguntas¹. As 3 primeiras questões foram enviadas em um questionário em formato *Google Formulário*² para

1 Para este trabalho foram utilizadas 5 das 10 questões (6 do questionário eletrônico e 4 da culminância) que os alunos responderam nas duas primeiras etapas práticas da pesquisa.

2 Foi utilizado Google Formulário em virtude da pandemia e outros recursos remotos para a coleta de dados utilizados para a dissertação do primeiro autor do artigo.

todos os alunos matriculados na turma.

Outros dois questionamentos foram feitos durante a culminância do projeto DESEJA³. No caso em destaque, a escuta de um samba de Bezerra da Silva (Malandragem dá um tempo) que foi selecionado por narrar comportamento geralmente associado com usuário de drogas foi a estratégia utilizada para ambientar os discentes no temário em análise. A letra da canção segue abaixo:

Quadro 1. Letra da música Malandragem dá um tempo

Vou apertar
Mas não vou acender agora (2x)
Se segura malandro
Pra fazer a cabeça tem hora (2x)

É, você não está vendo
Que a boca tá assim de corujão
Tem dedo de seta adoidado
Todos eles afim
De entregar os irmãos
Malandragem dá um tempo
Deixa essa pá de sujeira ir embora
É por isso que eu vou apertar
Mas não vou acender agora

Vou apertar
Mas não vou acender agora (2x)
Se segura malandro
Pra fazer a cabeça tem hora (2x)

É que o 281 foi afastado
O 16 e o 12 no lugar ficou
E uma muvuca de espertos demais
Deu mole e o bicho pegou
Quando os home da lei grampeia
Coro come a toda hora
É por isso que eu vou apertar
Mas não vou acender agora

Vou apertar
Mas não vou acender agora (2x)
Se segura malandro
Pra fazer a cabeça tem hora (2x)

Fonte: Música de Bezerra da Silva.

Para a produção deste artigo, optamos por utilizar as impressões de 5 alunos que responderam o questionário e participaram da culminância do projeto DESEJA. Desta forma, objetivou-se analisar as permanências e/ou mudanças sobre as drogas e seus usos ao longo da atividade educativa. Todas as respostas foram identificadas por pseudônimo para garantir o anonimato dos discentes que participaram da pesquisa.

³ O projeto DESEJA é uma iniciativa extensionista da Universidade Federal do Rio de Janeiro que promove atividades reflexivas sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas. Cada unidade escolar possui um coordenador local que estrutura atividades educativo-reflexivas para seus alunos.

Desenvolvimento e análise de resultados

As etapas em análise neste trabalho envolvem as respostas emitidas pelos participantes em duas etapas da pesquisa. Na primeira, o questionário foi estruturado para coletar noções preliminares sobre o temário da pesquisa. Na segunda, referente à culminância do DESEJA, houve uma abordagem direcionada dos conteúdos da canção utilizada na tarefa para com a análise do uso de drogas na sociedade.

A culminância do projeto DESEJA foi estruturada a partir da escuta do samba Malandragem dá um tempo e posterior utilização de perguntas sobre o conteúdo da canção gravada por Bezerra da Silva e percepções sobre as drogas veiculadas nas sociedades.

A dinâmica foi iniciada com o primeiro autor do artigo (o primeiro em sentido horário na imagem abaixo) esclarecendo que a atividade fazia parte de uma ação extensionista da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que seus dados seriam utilizados em pesquisa de mestrado no Instituto Oswaldo Cruz.

Para garantir o anonimato dos participantes segundo orientação do Comitê de Ética que aprovou a pesquisa para obtenção de mestrado na FIOCRUZ, os nomes foram alterados por pseudônimos.

Análise de perguntas do questionário

Sobre a questão 1 do questionário online, os 5 alunos selecionados emitiram as seguintes impressões:

Quadro 2. Respostas sobre o que os alunos pensam sobre drogas

Questão	Pseudônimo	Respostas dos participantes
O que você pensa sobre drogas?	BRUNO	Algo que não se deve usar, pois prejudica a saúde!
	EDUARDO	Que o uso delas trás muitos problemas para o indivíduo que ingere.
	HELENA	É uma coisa errada, mas que infelizmente muitos decidem seguir esse caminho que muitas das vezes é um caminho sem volta
	JULIANA	Não acho legal, Até porque o Cheiro e ruim e incomoda
	VANDER	Que é um problema que tem afetado muitas vidas, e tem destruído muitas e que deve ser levado com maior seriedade pela população, em meio a esse problema

Fonte: Dos autores.

Nas 5 respostas sobre o questionamento acima, é possível perceber que os alunos mobilizaram noções que colocam as drogas sob um aspecto negativo, assinalando o que Carneiro (2019) defende como medo irracional. O cheiro e as consequências do consumo (citados pelos alunos nos termos problemas, caminho sem volta, destruição e prejuízo a saúde) são elementos que traduzem as substâncias como algo negativo. Tais percepções repercutem premissas proibicionistas das sociedades, trazendo para os dias de hoje uma noção drogacêntrica que retira o componente humano da construção do fenômeno (COELHO, 2019).

Sobre a segunda pergunta, *O que você gostaria de saber sobre o tema drogas*, os participantes trouxeram as seguintes impressões:

Quadro 3. Respostas sobre o que os alunos querem saber sobre drogas

Questão	Pseudônimo	Respostas dos participantes
O que você gostaria de saber sobre o tema drogas?	BRUNO	Qual a substância que faz as pessoas se viciarem tanto
	EDUARDO	Sobre o processo de cura do indivíduo
	HELENA	De que é feito
	JULIANA	Se podem ser usadas com remédio
	VANDER	<i>Se os números de usuários estão aumentando ou diminuindo</i>

Fonte: Dos autores.

As respostas dos alunos mostram um interesse sobre os efeitos do uso das drogas no organismo das pessoas, bem como os componentes das substâncias, a aplicação terapêutica e o número de usuários. Tais dados podem servir para promover uma leitura científica da realidade e para desnaturalizar percepções que colocam a droga como algo sempre danoso, considerando os saberes emitidos pelos alunos (COELHO, 2019).

Ainda sobre as repostas dos participantes, uma abordagem ampla sobre o assunto coloca o uso das drogas como um fenômeno de múltiplos fatores. Desta forma, atividades escolares podem apresentar informações demandadas pelos discentes - o que se sente ao usar uma droga - para proporcionar um ambiente democrático pautado na troca de saberes e o respeito aos diferentes comportamentos sociais (COSTA et al., 2019; COELHO; SILVA; MONTEIRO, 2020).

Quanto a 3ª questão do questionário, *De que maneira você gostaria de ver o tema drogas na escola?*, os alunos precisaram assinalar as opções mais adequadas para uma atividade escolar sobre a temática. As respostas foram as seguintes:

Quadro 4. Respostas sobre como alunos gostariam de ver o tema drogas na escola

Questão	Pseudônimo	Respostas dos participantes
De que maneira você gostaria de ver o tema drogas na escola?	BRUNO	Roda de conversa
	EDUARDO	Palestra de profissionais de Segurança
	HELENA	Palestra de profissionais da Saúde, palestra de profissionais da Segurança
	JULIANA	Palestra de professores, palestra de profissionais da Saúde, palestra de profissionais da Segurança, roda de conversa
	VANDER	Palestra de professores, palestra de profissionais da Saúde, palestra de profissionais da Segurança, projeto interdisciplinar da escola

Fonte: Dos autores.

Em relação aos retornos dos alunos no questionário, 2 alunos mencionaram a roda de conversa, a atividade voltada para uma abordagem mais democrática. Dos participantes, 4 deles sinalizaram o desejo de uma palestra comandada por um agente da Segurança e outros 3 optaram por atividade tendo a frente profissional da Saúde.

Tais dados mostram a dificuldade da escola em incentivar a criatividade para lidar com o assunto entre seus membros. Isso mostra os empecilhos para a realização de atividades que promovam de fato a autonomia dos discentes, evidenciando que o receio dos mesmos em abordar

o consumo de drogas em sala dificulta que se interpretem as drogas no contexto dos usos e dos usuários (COELHO, 2019)

A menção aos campos da Segurança e da Saúde também mostra que o assunto é visto por parcela dos estudantes em uma dimensão vinculada a generalização dos efeitos das drogas. Tal postura descaracteriza os aspectos históricos e culturais presentes no uso, que faz do consumo de droga um fenômeno presente em variados contextos sociais. No caso dos participantes do estudo de caso, o fato de residirem em áreas sob influência do tráfico pode explicar a adesão a propostas mais informativas que reflexivas (CARNEIRO, 2019; COELHO, 2019).

Sobre as perguntas que auxiliaram na análise crítica da música Malandragem dá um tempo, os participantes revelaram outros aspectos sobre as drogas e seus usos.

Análise de perguntas da culminância do DESEJA

A questão 1 da culminância evidenciou as impressões a seguir:

Quadro 5. Respostas sobre o que os alunos entendem como perfil de usuário de drogas na música selecionada

Questão	Pseudônimo	Respostas dos participantes
É possível dizer qual o perfil dos indivíduos que são vistos como usuários na música pelas palavras utilizadas na letra?	HELENA	Acho que é homem com homem
	EDUARDO	Ele tá dando um aviso entre aspas do que não é para fazer (...)
	BRUNO	Acho que ele tá avisando que vai apertar né?
	VANDER	Não dá para saber se são homens ou mulheres. A única coisa que dá para saber é que eles estão conversando um com o outro

Fonte: Dos autores.

As respostas expõem que a percepção sobre quem usa drogas pode ser difícil, afirmando a complexidade do tema a partir de uma escuta crítica da letra do samba. Conforme mostraram Barros (2014) e Lemos *et al* (2019), o potencial da música reside em auxiliar uma leitura crítica da realidade através da associação dos versos com as experiências cotidianas.

Quanto a questão 2 da culminância, as falas dos participantes avaliaram o cenário a seguir:

Quadro 6. Respostas sobre o que os alunos legalização de drogas no Brasil

Questão	Pseudônimo	Respostas dos participantes
Legalizar o uso da maconha (medicinal e/ou recreativo) no Brasil teria qual resultado?	JULIANA	Acho que sairia fora de controle
	HELENA	Por um lado seria bom deixar usar aqui, mas por um lado não seria bom. O povo não vai saber usar, entendeu?
	EDUARDO	Não é questão de não saber usar, cara. Não é questão de não saber usar (...). O efeito vai para cada pessoa.
	BRUNO	Se legalizar esse (pausa) essa maconha eu acho que vai vender em qualquer lugar, principalmente no mercado.

Fonte: Dos autores.

A análise das falas dos alunos mostra um quadro de divisão de ideias. Dos 4 respondentes, 2 se colocaram pessimistas quanto a legalização e dois sinalizaram para um possível ganho social com

a permissão de venda e uso de Cannabis.

A percepção de que a situação social iria piorar com a legalização das drogas está relacionada com o que Carneiro (2019) define como medo das substâncias. Em termos práticos, afirmar que pessoas não possuem discernimento para um uso racional alimenta a vertente proibicionista sobre as drogas (COELHO; SILVA; MONTEIRO, 2020).

Estas opiniões sobre a droga também configuram o que Alves *et al.* (2021) expôs como a diversidade que estrutura a sociedade. Dentro do perfil deste espaço plural, o debate seria uma estratégia para que a interação acerca de assuntos em comum seja possibilitada. Neste sentido, a aplicação da música para refletir sobre estigmas comunga com a posição de promoção do senso crítico defendida por Lemos *et al.* (2019).

A expressão de um caminho favorável ao uso através de um argumento que não generaliza os efeitos da droga, vista na resposta de EDUARDO, possibilita que o consumo seja entendido de uma forma ampla pelos seus aspectos multifatoriais de presença na sociedade (CARNEIRO, 2019; COELHO, 2019; COSTA *et al.*, 2019).

Refletir sobre o alcance educativo-reflexivo da música para dialogar sobre o uso abusivo de drogas envolve dialogar sobre as tensões sociais, tal como defende Alves *et al.* (2021). Estas, quando impactam na escola, podem colocar o indivíduo em um grau maior de vulnerabilidade na conexão com o uso de drogas. Pela estruturação de espaços em que se dialogue sobre as diversas conexões da droga com a precariedade da vida periférica, podemos compreender que a valorização ou o desprezo do uso são aspectos que o jovem deve considerar na elaboração de estratégias para minimizar os possíveis efeitos do uso de substâncias.

Considerações Finais

O consumo de drogas é um fato social com diversas implicações históricas e culturais, que se reflete em ações de aceitação ou recusa em relação ao que as pessoas fazem com as substâncias.

Ao se analisar como a maconha e outras substâncias são apropriadas, é importante entender como as sociedades se relacionam com as drogas. Como salienta Carneiro (2019) e Coelho (2019), a licitude e a ilicitude demonstram que a relação com as drogas envolve mais poder que os efeitos que podem causar nos usuários.

A abordagem do consumo de drogas na escola mostra-se um desafio em um contexto em que a proibição ainda é muito disseminada. Pensar em atividades educativo-reflexivas em que as relações sociais estejam em evidência é fundamental para romper tal paradigma. Um aspecto que surge em Alves *et al.* (2021) e é reforçado no presente estudo como o potencial da diversidade presente nas escolas para falar de temas de qualquer natureza.

Neste sentido, analisar o uso da música como estratégia para falar de drogas nas escolas traz como potencial a abertura de espaços democráticos de reflexão. Desta forma, aspectos políticos, culturais e sociais são mobilizados para configuração das substâncias como tema relevante para debate.

É importante pensar que a música *Malandragem dá um tempo* não foi usada de forma aleatória, ou seja, ela aparece estruturada em roteiro de atividades em que se planeja o que os alunos deveriam analisar para a promoção de uma postura crítica da realidade, pondo em prática a redução do uso abusivo de drogas como trabalho em Lemos *et al.* (2019).

Dentre as possibilidades abertas pelo uso da música, temos a legalização das drogas como um exemplo de tópico de análise pelos estudantes que exige racionalidade no estudo da questão. Mas antes eles precisaram identificar quais aspectos das substâncias e comportamentos sociais estavam inscritos na música selecionada para a pesquisa.

Outro potencial advindo do uso de música foi a estruturação de um curso de materiais educativos voltado para normalistas, público-alvo nas etapas iniciais do projeto DESEJA em Duque de Caxias. Isto é, a música é utilizada como recurso para favorecer o protagonismo dos futuros docentes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I.

Em contrapartida, as limitações do estudo de caso mostram que as dinâmicas no âmbito remoto podem trazer um panorama restrito sobre o que se pensa sobre droga, dado que o número

de alunos que responderam ao questionário e participaram da culminância foi muito inferior ao total de matriculados na turma participante. Além disso, as instabilidades de sinal de internet limitaram as participações de alguns alunos nas etapas interativas.

Referências

ALVES, Maria Dolores Fortes; FILHO, Adalberto Duarte Pereira; LEITE, Tamires Campos; MORCERF, Viviane Lins Ebrahim. Escola como espaço de tessituras: semeando ciência com consciência. **Revista Humanidades & Inovação**, v.4, n.2, 2021.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de. **O uso da música popular brasileira como estratégia para o ensino de ciências**. 203f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2014.

CARNEIRO, Henrique. *Drogas: a história do proibicionismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

COELHO, Francisco José Figueiredo. **Educação sobre Drogas e Formação de professores**: uma proposta de ensino a distância centrada na Redução de Danos. 245f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2019.

COELHO, Francisco José Figueiredo; SILVA, Maria de Lourdes da; MONTEIRO, Simone. Contribuições da abordagem da redução de danos para a educação sobre drogas. In COELHO, Francisco José Figueiredo; MEIRELLES, Rosane Moreira Silva de (org.). **Ensino de biociências, meio ambiente e saúde**: dialogando com referenciais teóricos. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

COSTA, Vinicius Motta da; COELHO, Francisco José Figueiredo; TAMIASSO-MARTINHON, Priscila; SOUSA, Célia; SILVA, Maria de Lourdes da. Entre conflitos e mediações em sala de aula: (des) construindo estigmas para a convivência social harmoniosa entre os estudantes nas intervenções do Projeto DESEJA. In: VII Congresso Internacional da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudo sobre Drogas. Curitiba, 2019. **Anais...** Curitiba: UNIBRASIL, 2019.

LEMOS, Lucia Helena Oliveira de; COELHO, Francisco José Figueiredo; TAMIASSO-MARTINHON, Priscila; SOUSA, Célia. Automedicação, saúde e adolescência: uma experiência preventivo-educativa sobre drogas nas aulas de ciências naturais. In: Encontro Regional de Ensino de Biologia da 2ª Regional. In: Encontro Regional de Ensino de Biologia da 2ª Regional. Rio de Janeiro, 2019. **Anais...** Rio de Janeiro: CAP/UFRJ e Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral, 2019. Disponível em: http://regional2.sbenbio.com.br/publicacoes/anais_IX_erebio.pdf. Acesso em 18 fev 2022.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 637-644, 2010.

Recebido em 30 de abril de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.